



MARANHÃO!

CRISTIANO MOTA MENDES



**No canteiro de memórias do Maranhão, Cristiano aduba a terra com águas misturadas,
orvalho, lágrimas, rio e mar.**

**Nos leva pela mão tão docemente e quando nem reparamos, já estamos lá,
emaranhados, tomando banho de rio com as índias e Benzinho numa aldeia Guajajara,
dançando no meio do Boi e do povo, caminhando por uma S.Luis que não existe mais e
nos é mostrada com requintes de cinema e simplicidade.**

É uma travessia de barco (e a linguagem é rede macia) rumo ao país dos amores.

E a gente nunca mais quer voltar e pede: conta mais!

**Roseana Murray
Primavera de 2020**



Cristiano Mota Mendes nasceu em São Luís do Maranhão em 24 de dezembro de 1958. Músico, compositor, trabalha com teatro e literatura adaptando textos de Guimarães Rosa, Drummond e Bandeira para teatro e leituras dramatizadas.

PARA
Ronaldo, Ana e Roseana.

01

Pois assim que anoiteceu uma chuvinha bem comportada começou a cair na Serra.

No Maranhão tem um jeito de dizer chuva.

Se diz: essa chuva é de caju, essa chuva é de manga, essa chuva é de goiaba! Poesia do povo. Outro jeito de dizer que essa chuva vai amadurecer manga, caju ou goiaba.

Setembro no Maranhão venta muito e chove pouco. Tem que ser corajoso para atravessar a baía de Cumã no tempo dos ventos gerais, que começam em agosto e desembestam em setembro. Os baixios e atóis da baía de São Marcos fazem precipício. Vi até bode pedir socorro com o saveiro virando pra lá e pra cá na travessia do Boqueirão e da Cerca das Velhas, rumo de Alcântara, terra dos Mendes, família do meu pai. Os nomes já dão o feitiço, o recado.

"O Touro Negro anda sobre a maresia" cantava o grande Humberto do boi de Maracanã.

Dizem que era Dom Sebastião virado em touro negro.

Conheci gente que morreu nessas águas.

O poeta Gonçalves Dias: "não permita Deus que eu morra sem que volte para lá, sem que aviste as palmeiras, onde canta o sabiá".

Coisa boa era escutar a conversa do povo do mar. Cachaça e lua cheia. Estórias.



Residência no ar edições digitais: MARANHAO!- Cristiano Mota Mendes

02

Não conheci meus avós.

A única que me viu nascer foi Emília Isabel, mãe da minha mãe. Morreu quando eu tinha 2 anos.

Pouco sei de Dona Emília.

Que tinha o cabelo totalmente branco, parecia algodão, dizia minha mãe.

Que gostava de usar um vestido estampado de flores miúdas e que, de fato, cheirava a flores, ela e o vestido.

Minha avó pouco ria.

Não superou a morte precoce do meu avô, um português de bigodes que tinha sido ator de teatro e circo e que depois virou comerciante na pequena cidade de Axixá, onde se conheceram e se casaram. Meu avô era alegria. Minha avó, silêncio.

Minha mãe era a caçula, os quindins de minha avó e de toda a família.

Quando meu avô morreu, em 1938, minha mãe, Benzinho, apelido dado por ele, tinha 17 anos e já cantava na Rádio Timbira, em São Luís, incentivado por seu Luvino, nome do meu avô. Minha avó desaprovava a profissão de cantora, mas o dinheiro ganho na Rádio ajudava.

Naquela época a Rádio Nacional estava selecionando cantores e cantoras do Brasil para um concurso de novos talentos. Orlando Silva foi a São Luis com esse encargo, onde descobriu Benzinho Mota cantando na Timbira.

Meu avô já tinha morrido e Dona Emília não deixou Benzinho participar do concurso. Tinha que viajar pro Rio. Meu padrinho, casado com minha tia mais velha, se prontificou a acompanhá-la, mas Dona Emília não consentiu. Uma tristeza que Benzinho disfarçou vida a fora. Poucos anos depois casou, saiu da Rádio, teve quatro filhos, e foi feliz para sempre.

Dona Emília adorava o genro, meu pai, se tornaram grandes amigos.

Na madrugada que ela começou a passar mal, com uma crise aguda de asma, não deu tempo do médico chegar. A lua iluminava a cena final.

Partiu de mãos dadas com meu pai.



03

A lua-de-mel dos meus pais foi numa aldeia indígena no interior do Maranhão, no município de Barra do Corda.

Vários Mendes da família do meu pai trabalharam no Serviço de Proteção ao Índio.

Estamos falando no início dos anos 40.

Diz Gullar que alguns viajam para Nova York ou Paris e outros ficam atrás de um balcão na rua da Alfândega. Alguns poucos passavam a lua-de-mel numa aldeia Guajajara, no meio da selva maranhense.

Mamãe tinha 19 anos e caiu na farra.

Tomava banho nua com as Índias no rio Corda de águas claras. O rio Una tinha águas escuras. Dava um certo medo. Assistiu parto de cócoras das mulheres da floresta. Os curumins recém-nascidos tomarem banho de rio com as mães, irmãs e irmãos. O cordão umbilical cortado com o dente.

A mulher não faz resguardo. Quem faz é o homem, deitado numa rede, para não perder o "molho". Mumunhas da natureza. À noite cantavam e dançavam batendo com os pés na terra, fogueiras acesas. Era um canto grave, triste. O que cantavam? Cantavam a lua, as estrelas, como começou o mundo? Cantavam a cura, a caça, a saudade, o amor; a morte? Nem sei direito imaginar.

O chefe da tribo se apaixonou por minha mãe. Mandou um mensageiro com uma proposta para meu pai. Oferecia 10 mulheres para serem trocadas pela minha mãe.

A troca não se consumou. Papai mandou agradecer a proposta, delicadamente; mas recusou.

Mamãe ficou com medo naquela noite.

Mas no despontar da manhã, estava tomando banho com suas amigas no rio.

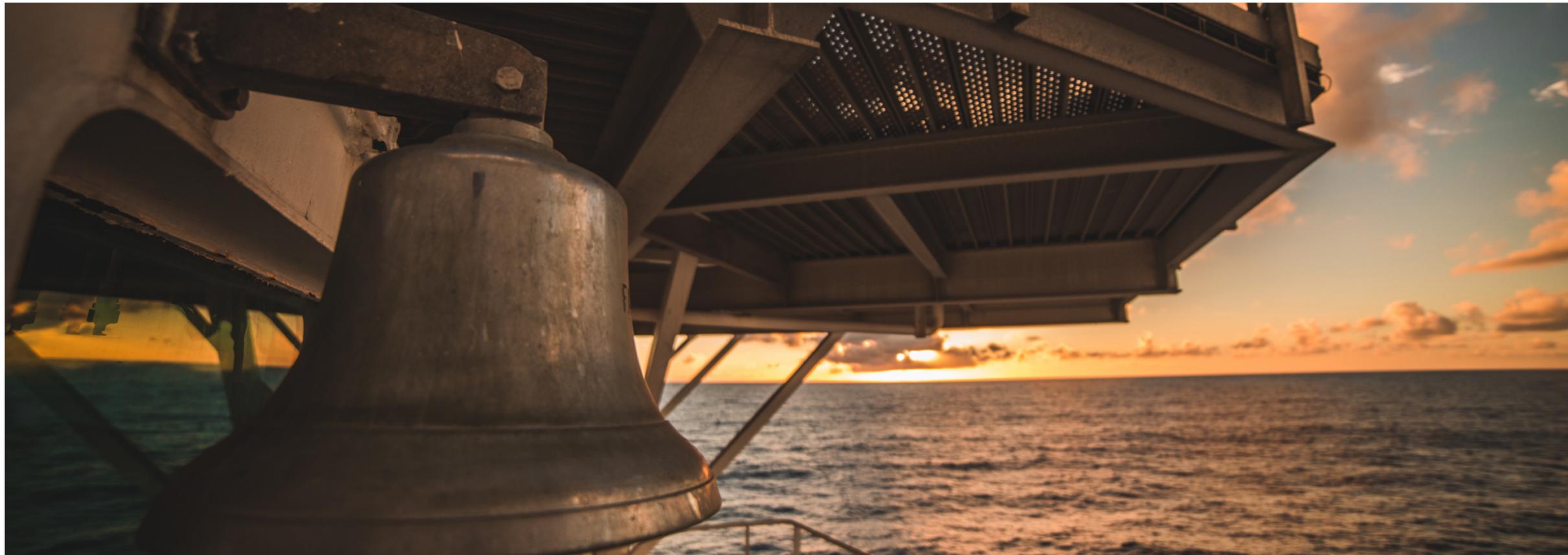
Eia, imaginação divina!



Residência no ar edições digitais: MARANHAO!- Cristiano Mota Mendes

04

Soldadinho foi o doido mais doce que eu conheci. Às vezes escapava do hospício e perambulava pelas ruas do nosso bairro. Vivia sujo de cimento, pois enlouquecera num naufrágio de um navio que carregava cimento. E pintava o corpo e a alma com o pó do cimento. Sobreviveu e ficou louco. Mas os olhos, a voz, o comportamento, transmitiam pureza e bondade. Tinha o hábito de oferecer bolas de naftalina às pessoas. Contava histórias intermináveis sempre sobre cimento e mar. Usava, às vezes, um chapéu de papel na cabeça grisalha, o que lhe acentuava o ar de menino-velho. Soldadinho pra mim é um filme de Charles Chaplin.



05

Na minha casa em São Luís tinha um canteiro de flores. Canteiro. Essa palavra faz um dia amanhecer. Traz cheiros, cores, passarinhos e zumbidos. Canteiro é menos que um jardim.

Canteiro é um cantinho. Lugar orvalhado.

No canteiro da nossa pequena casa, coloridas flores do amor-de-onze-horas forravam a terra. O pé de jasmim-estrela, incendiado pelo branco e aroma das flores, se misturava com o vermelho do jasmim-guará. Viver o que é bom e bonito. Canteiro: lugar onde todos os cantos nascem de novo.



06

A primeira vez que atravessei a Baía de São Marcos rumo a Alcântara foi com meu pai.

Ele nasceu lá em 1917, quando os sobrados ainda não tinham sido abandonados ou virado ruínas.

A família toda migrou para São Luis e outras cidades do Maranhão e mais tarde para o Rio de Janeiro, porque ficou tudo muito precário e ficou muito difícil viver numa cidade que deu adeus.

Papai aprendeu a ler e escrever com uma professora primária, alcantareense, que se chamava Dona Celeste.

O motivo principal de nossa viagem foi visitar Dona Celeste.

Era uma senhora magrinha, negra, de um olhar amoroso, que dava vontade de lhe tomar a bênção. E foi o que fiz, beijeí sua mão.

Estava muito doente, deitada numa rede, em sua casa de taipa com o chão batido de terra.

A voz fraca pronunciou o apelido do meu pai: Mundoca. Ele tinha paixão por ela. Tudo se revelando na linguagem do olhar. Era visível. Era bom respirar esse ar de generosidade, gratidão e amor.

Foi a primeira vez que vi duas pessoas conversarem sem palavras.



Residência no ar edições digitais: MARANHAO!- Cristiano Mota Mendes

07

Urubú é vila alta, mais idosa do sertão.
Padroeira minha vida.
Vim de lá, volto mais não.
Corro os dias nesses verdes,
Meu boi mocho baetão.
Buriti, água azulada, carnaúba, sal do chão.
Remanso de rio largo, viola da solidão.
Quando vou pra dar batalha
Convido meu coração.
(Canção de Siruiz - Grande sertão: veredas)

Viola da solidão é o nome que Ronaldo Mota rebatizou a Canção de Siruiz do romance Grande sertão: veredas. Siruiz é um poeta e violeiro que vira jagunço no bando de Joca Ramiro, pai de Diadorim, o grande amor de Riobaldo. Ensina o grande crítico literário e tradutor Paulo Ronai, amigo de Guimarães Rosa, que Siruiz significa eu te amo em romeno.

A canção que Ronaldo fez a partir dos versos de Siruiz convida o coração a percorrer os verdes dos buritis, das veredas. O verde dos olhos da amada.

Amor à terra, amor à poesia.

Sua bênção, Guimarães Rosa. Sua bênção, Ronaldo Mota.



Residência no ar edições digitais: MARANHAO!- Cristiano Mota Mendes

08

O Ipê amarelo é de uma beleza tão grande que gruda nos olhos da gente para sempre.

Dizem que o amarelo é a luz da sabedoria, o ouro do conhecimento. O sol.

Associo essa cor à beleza e alegria.

Foi o Ipê que me ensinou que no amarelo da sua flor tem ouro e mel.

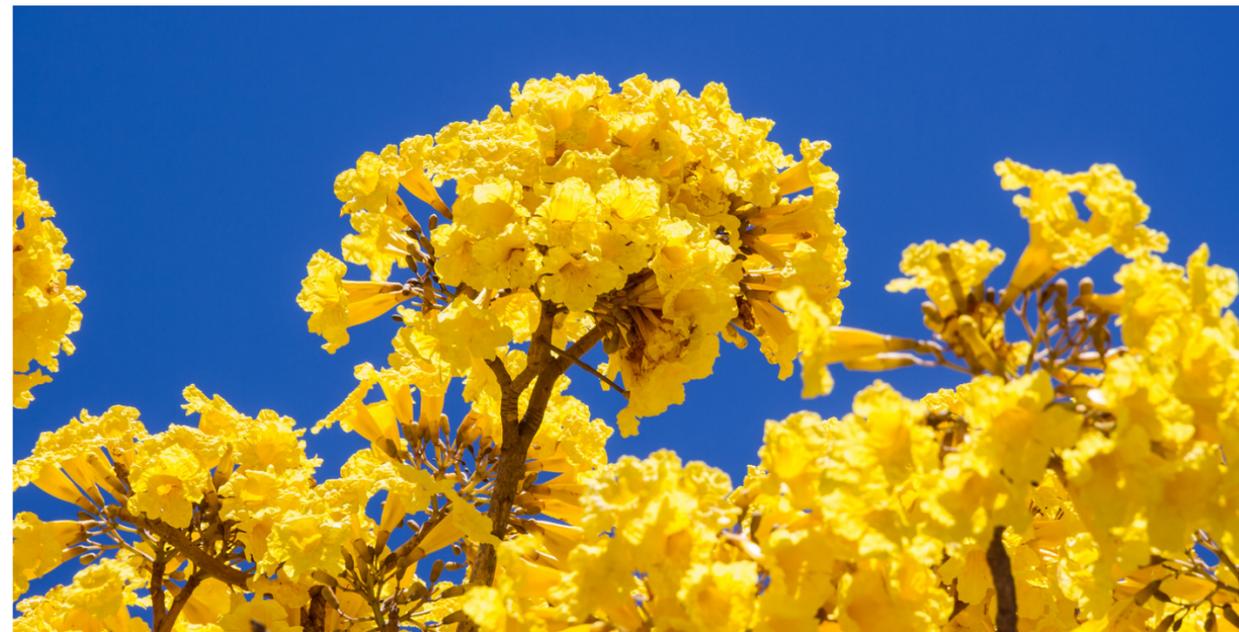
A sabedoria do Ipê é mesmo uma iluminação.

Havia um enorme na frente da minha casa na São Luis da minha infância.

Quando florescia, o mundo, tudo ficava mais bonito. Cortaram. Porque suas raízes estavam destruindo a calçada.

Os adultos resolvem as coisas assim. Cortaram e pronto.

Ipê tão lindo, vestido de amarelo, peço a tua bênção.



09

O meu bairro tinha nome de menino: Filipinho.

Fazia fronteira com o Sacavem, a Jordoa e um embrejado, que ajudava a dar corda à minha imaginação de menino.

Um menino que não era da cidade nem da roça.

Eu gostava de correr com meus amigos atrás de papagaios de papel.

Felicidade mesmo era encontrar uma goiabeira cheia de fruta madura.

A pele da goiabeira é lisa, gostosa de passar a mão.

Dizem que no brejo tinha guaxinim comedor de caranguejo.

Dizem que ele tem a cauda descascada porque a colocam no buraco onde os caranguejos vivem e de lá os tiram da lama para arranjar um de comer.

Dizem que o pelo é marrom avermelhado.

Dizem que tem feições de cachorro.

Nunca vi.

Tinha também o tempo das tanajuras, de bundas grandes. Caiam aos montões aquela nuvem.

Tinha gente que comia, feito farofa.

Nunca comi.

Mais velho, quando comecei a frequentar lugares mais interiores e distantes da ilha, vi e ouvi muitos pássaros, grandes teiús, lagartos, cutias, macacos prego e capijuba, veados, gatos-maracajá, que já não existiam mais no Filipinho.

Eu gostava de andar descalço no capim alto e ver os gafanhotos pulando em festa, nervosos.

A literatura e a música começavam a chegar em minha vida de menino do Filipinho devagar, fruta de vez a espera.



10

Jose Lezama Lima, o grande poeta, contista, ensaísta e romancista cubano, disse que não existia nada mais sobrenatural do que a natureza.

Eu tinha um amigo que morava num sítio da Maioba, na ilha de São Luís.

la sempre lá me alimentar de beleza.

O caminho para chegar no sitio do meu amigo era no meio do mato estreito e tinha cheiro de erva-cidreira.

No caminho, uma vez, de noite, vi uma luz distante e pensei em encantado.

Quando me aproximei, vi que uma quantidade de vaga-lumes que acendiam e apagavam no cupinzeiro da beira do caminho.

O povo da Maioba diz que "no tapicuem(cupinzeiro) onde a cobra mora o mato tem ouvido". Luz de vaga-lume é parente da boitatá, cobra de fogo.

Me dê um silêncio!



11

Ontem, dia 8 de setembro de 2020, São Luís fez 408 anos.

Foi invadida pelos franceses em 1612, onde viviam as tribos tupinambás. O nome era Upaon Açú, que significa Ilha Grande.

O Poema Sujo de Ferreira Gullar é para mim o mais impressionante hino poético feito para uma cidade. E essa cidade é a minha, onde nasci.

Fiquei em estado de choque quando li o poema em 1976 ou 1977.

Morava ainda em São Luís e a cidade renasceu para mim pelo olhar de Gullar.

O poema me disse: olha, entra, essa é a tua cidade, dentro e em torno de ti.

Mais uma pedra para a coroa de Vinicius de Moraes que trouxe o poema para o Brasil, gravado na voz de Gullar, que estava exilado em Buenos Aires.

São Luis, embrulhada em seu barulho azul, como diz Gullar no poema Primeiros Anos, mistura beleza e injustiça social.

Um retrato escondido, às vezes esquecido, numa gaveta que ainda guarda um perfume de jasmim.



Residência no ar edições digitais: MARANHAO!- Cristiano Mota Mendes

12

No começo do conto "A menina de lá" de Guimarães Rosa, o narrador descreve assim a mãe da protagonista: "...a Mãe, urucuiana, nunca tirava o terço da mão, mesmo quando matando galinhas ou passando descompostura em alguém."

Acho que minha mãe nunca matou uma galinha em toda a sua vida.

Lá em casa era Teresa que fazia o serviço.

Teresa chegou nos seus 14 ou 15 anos de idade em nossas vidas para trabalhar como empregada doméstica.

Eu tinha 5 ou 6 anos e nos tornamos imediatamente amigos.

Era filha de um músico, regente de banda, e nasceu em Caxias, terra natal dos poetas Gonçalves Dias e Salgado Maranhão.

Teresa tinha uma linda voz de contralto. Eu falava uma porção de bobagens só pra ouvir aquele riso dela cheio de música. Teresa gostava de cantar. E eu de ouvir ela cantando. Teresa cantava o tempo todo.

Depois da morte do pai, sua família ficou muito pobre e teve que sobreviver trabalhando "em casa de família".

Teresa gostava de contar histórias de encantamento.

A minha favorita era a da mãe d'água que vinha se banhar no poço de sua casa em Caxias. Aparecia na lua cheia e cantava.

A maravilha das maravilhas.

Meu sonho era que em alguma noite de lua cheia a minha mãe d'água apareceria para mim e se banharia e cantaria no quintal lá de casa.



Residência no ar edições digitais: MARANHAO!- Cristiano Mota Mendes

13

O Maranhão transborda a toada de boi.
Está no sangue do povo maranhense.
Em maio começam os ensaios.

Na Maioba do Sitio Grande, Coração da Ilha de São Luís, a reunião, o guarnicê dos brincantes se dá sob estrelas e fogo. Inclusive o da cachaça.

No chão de terra, fogueiras são acesas, pois sem fogo não se afina pandeiro nem tambor. O boi não dança. "São João, meu São João, eu vim pagar a promessa de trazer esse boizinho para alegrar sua festa." Diz a toada do compositor Carlos César Teixeira.

Na véspera do dia do santo, 23 de junho, os bois de promessa são levados à igreja para serem batizados.

""Olhos de papel de seda com uma estrela na testa."

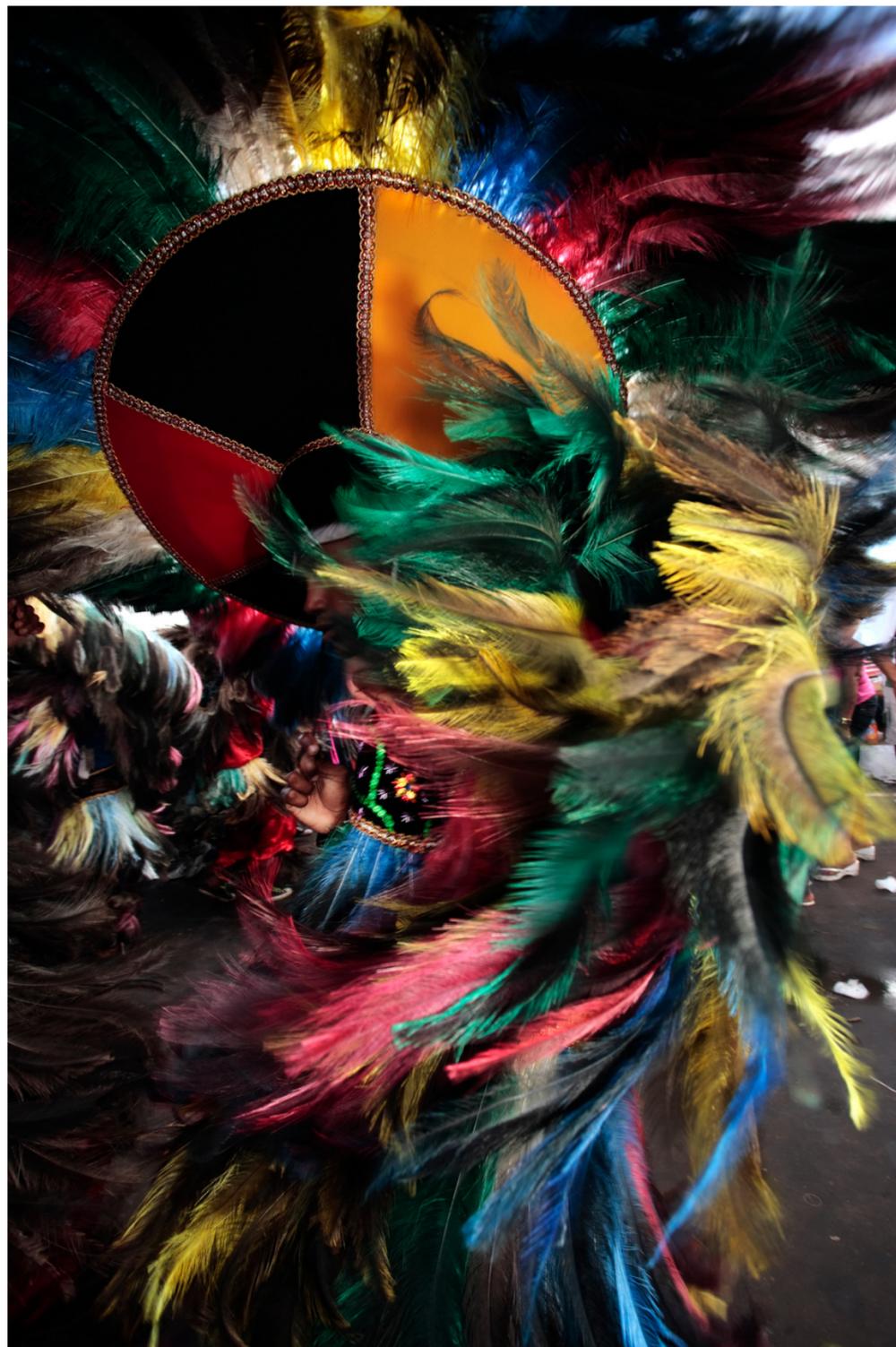
Antigamente, os brincantes devotos eram estivadores do cais do porto, barqueiros, pescadores, pequenos lavradores, vendedores de rua, verdureiros, feirantes. Brincantes dos bois tradicionais. Hoje, a classe média também brinca boi. Tinham os grandes bois que brincavam e ainda brincam em seus próprios terreiros.

Mas o que me comovia mais era ver e ouvir um bumba-meu- boi com poucos integrantes, humilde, como o Boi de Beleza, apelido de um verdureiro que vendia suas verduras e frutas de porta em porta.

Ele botou o boi para brincar porque tinha conseguido alguma graça de São João.

E estava ali todo enfeitado de penas e fitas coloridas pagando sua promessa.

O brinquedo do boi é uma oferenda de gratidão.



14

- Dona Zilda, como vai a senhora?

- Depois que lhe vi, melhorei.

Era assim que ela respondia a todo mundo que lhe perguntava como vai.

Era lavadeira.

la na casa da minha mãe, uma vez por semana, para lavar e passar a roupa da família.
Tinha um sorriso maroto, enigmático e um humor irônico e sutil que era só mesmo dela.

Reencontrei Dona Zizi no apartamento do meu irmão Hamilton, tempos depois.

Tinha mudado de São Luís para a Baixada Fluminense.

Já era avó.

O mesmo riso , o mesmo depois que lhe vi melhorei.

Sua filha foi uma das mulatas do Sargentelli, linda, corpo escultural.

Conheceu um italiano, que ficou louco por ela.

Casaram e mudaram para Itália.

O italiano tinha problemas com o imposto de renda.

Era comerciante, foi assim apresentado num almoço na casa do meu irmão.

Tinham saído da Itália.

- A gente vivia fugindo da polícia. Mudando de casa. Não deu.

Dona Zilda explicou.

- Pelo.menos ela casou.

E um sorriso maroto de desenho animado.

Dona Zizi, depois que me lembrei de ti, melhorei.



15

Ilha de São Luís, Maioba, Sitio do Alemão.

6 horas da tarde.

Hora de recolher as galinhas, patos, galinhas d'angola, perus, o casal de pavões.

A noite vai chegar e os predadores estão esperando.

Cobra papa-ovo, mucura, rato-do-mato, teiú.

A cachorra Vaidosa, caçadora das boas, vigia.

Conhece o mato e seus bichos. Especialista em caçar cutia. Os vizinhos pedem ela emprestada para caçar. Tristeza grande quando apareceu morta no mato, picada de cobra.

Mas nesse momento está vivíssima com olhos de ver no escuro. Se alguma mucura se atrever a atacar o galinheiro, vaise ver com ela. É miúda, preta, esperta. O negócio dela é farejar o invisível. Teve filhotinhos. Quando o povo da vizinhança ficou sabendo, veio botar preço. A fama de grande caçadora tinha se espalhado, pois filho de peixe, peixinho é. Talvez, depois de desmamados, tenham sido dados para algum vizinho amigo ou trocados por algum porquinho de raça ou por um bom galo. É a lei da roça, assim.



16

Os barqueiros do Pará dizem que maranhense tem mania de batizar barco com nome de mulher. Da avó, mãe, irmã, mulher.

Isso sempre foi motivo de muita confusão.
No Mercado Ver-o-Peso vi briga de peixeira.
- Ei, maranhense essa Luzia eu já namorei!

Clemens, meu amigo alemão, comprou o cavername, esqueleto de um barco velho, em Belém e levou para ser reformado em São Luís.

Botou no barco ressuscitado, um saveiro bonito, o nome de Tucum.

Tucum é o nome de uma palmeira cheia de espinhos.

De fato, deu trabalho.

Primeiro, ainda sem motor, navegava na vela e era barco de frete.

Depois de um tempo ganhou motor e virou barco de pesca com seus dois mastros de bacuri.

Pesca de alto-mar feita com anzol e isca de sardinha.

10 pescadores a bordo.

Uma, duas semanas no mar.

Lembro de Leão, um pescador que sabia achar o cardume de pargos. A gente olhava pra ele e via a história do mar no seu rosto de cobre, curtido de sol, nas mãos calejadas de tanto puxar peixe de dentro das águas.

- Só como pescado em terra. No mar prefiro qualquer outro de-comer. Me dizia.

"Sol rumo ao sono, sombra sobre o oceano". Homero pescado por Ezra Pound.



Residência no ar edições digitais: MARANHAO!- Cristiano Mota Mendes

17

Quando voltei a São Luis com Ana, em 2010, não conheci mais a cidade. A minha cidade. 20 anos tinham se passado desde a última vez que lá estive. Fiquei em estado de choque quando passei pelo meu antigo bairro. Tinha uma mangueira secular que eu considerava como uma bisavó viva e não existia mais. Uma dor no coração. E o canteiro com o jasmim-estrela, minha estreleira do Paraíso? A cidade antiga muito caída, abandonada. A praia da Ponta D'Areia invadida por edifícios tinha ficado feia, estranha, a poesia tinha desaparecido. Não tive coragem de voltar à Maioba. Uacyr, meu amigo, onde ficamos hospedados, me disse que não era mais a Maioba onde eu assistia o Boi, as matracas avisando que a brincadeira estava acontecendo, a lua iluminando os riachos, as aves cantoras da noite e da madrugada. Araras sobre a imensa castanheira-do-Pará fazendo ninho. Nem saberia dizer hoje o que senti. Desapartei das minhas águas. Outro tempo.



18

O mar o mar profundo cinza abismo o mar azul as aves que aqui proa vento
gorjeiam trovão da tempestade o raio boca do mar boqueirão eu preciso
derramar na luz o mar se foi na barca do sol ventania agouro a ciência da
aranha aurora rododactila tumbeiro contraluz o mar tão rápido anoiteço
martela o mar deus meu deus todo abismado maranhão oh rosto do sol tuas
águas adeus quem nasceu numa ilha adeus oh as palmeiras que cantam no azul
barquinho de papel no abismo terra à vista o mar fero mar fere ferro ferra a
pele negra da noite preciso me encontrar não tem lua o poço olho dagua escuro
alcântara são joão de cortes mirititua tucum tem espinho peixe-pedra o mar é
tambor maranhão arrote do mar vela cor de mangue cor de sangue o último
canto dos timbiras
o mar comeu foi sereia foi que comeu o poeta? emaranha o mar as palavras
adeus maranhão



Residência no ar edições digitais: MARANHAO!- Cristiano Mota Mendes



FICHA TÉCNICA

Residência no ar - Edições digitais

MARANHÃO

Autor - Cristiano Mota Mendes

Projeto gráfico

Jiddu Saldanha



